pensamentos design

Artes decorativas no Brasil no início do século XX: a atuação de Joanna Brandt na revista *Vida Doméstica* (1927–1931)

Decorative arts in Brazil in the early 20th century: Joanna Brandt's role in Vida Doméstica magazine (1927–1931)

Carina Seron da Fonseca
Cláudia Regina Hasegawa Zacar

Resumo: A revista *Vida Doméstica* foi publicada no Rio de Janeiro-RJ, entre os anos de 1920 e 1962, com circulação quinzenal e mensal por todo Brasil e também fora do país. Entre os anos de 1927 e 1931, a revista apresentou duas colunas, "Arte decorativa" e "Trabalhos femininos", escritas por Joanna Brandt (1873–1939), uma artista e professora natural de Copenhague, na Dinamarca, que se destacou no campo das artes decorativas no período. Desse modo, este artigo tem como objetivo mapear brevemente a trajetória de Joanna Brandt, bem como suas colunas, considerando suas principais características, temas abordados e possíveis padrões. Para tanto, como fundamentação teórica, parte-se de trabalhos associados às perspectivas femininas sobre a História do Design. Espera-se com o mapeamento proposto dar luz às produções de mulheres no campo do design, presentes na revista *Vida Doméstica*, a partir do trabalho e da contribuição de Joanna Brandt.

Palavras-chaves: Joanna Brandt; revista *Vida Doméstica*; história do design; artes decorativas.

Abstract: *The magazine Vida Doméstica was published in Rio de Janeiro, RJ, between 1920 and 1962, with biweekly and monthly circulation throughout Brazil and abroad. Between 1927 and 1931, the magazine featured two columns, "Decorative Art" and "Women's Work," written by Joanna Brandt (1873–1939), an artist and teacher born in Copenhagen, Denmark, who distinguished herself in the field of decorative arts during the period. Thus, this article aims to briefly map Joanna Brandt's career and her columns, considering their main characteristics, themes covered, and possible patterns. To this end, the theoretical foundation is based on works associated with women's perspectives on the History of Design. The proposed mapping is expected to shed light on the productions of women in the field of design, as featured in Vida Doméstica, based on Joanna Brandt's work and contributions.*

Keywords: *Joanna Brandt; Vida Doméstica magazine; history of design; decorative arts.*

Introdução

O presente artigo trata de parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, em fase inicial de mapeamento e exploração do referencial teórico. A tese consiste em uma pesquisa documental e tem como uma das fontes primárias a revista *Vida Doméstica*, fundada e publicada pelo empresário Jesus Gonçalves Fidalgo, no Rio de Janeiro-RJ, entre os anos de 1920 e 1962.

A revista *Vida Doméstica* teve circulação quinzenal e mensal em todo o Brasil, chegando a circular também em outros países como, Estados Unidos, Argentina, Uruguai, Portugal, Alemanha e Espanha (Spindula, 2021). Durante todas as décadas de publicação, a revista se apresentou como "A Revista do Lar e da Mulher", se configurando como uma mídia de estilo de vida, e abordou diversos assuntos, como medicina e saúde, coluna social, cuidados com animais, moda, turismo, política, arquitetura e engenharia, maternidade, publicidade, dicas de arranjos de interiores domésticos e diversos tutoriais de trabalhos manuais como tipos de bordados e de rendas, tricô e crochê, direcionados às mulheres leitoras.

Para a pesquisa, nos interessam especialmente os conteúdos associados às manualidades, tidas pela revista como práticas femininas, especificamente duas colunas que circularam entre os anos de 1927 e 1931, a "Arte decorativa: como mobiliar e decorar a casa" e a "Trabalhos femininos", escritas pela autora Joanna Brandt (1873–1939), que comumente assinava as colunas como Madame Joanna Brandt. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é mapear brevemente a trajetória e a contribuição de Joanna Brandt no campo das artes decorativas, bem como suas colunas, considerando suas principais características, temas abordados e padrões. Para tanto, como fundamentação teórica, parte-se de trabalhos associados à História da Arte e do Design e às teorias feministas.

Na coluna "Arte decorativa", Joanna Brandt se encarregou de responder atenciosamente a cartas de leitoras de todo o Brasil, tirando suas dúvidas sobre arranjos de interiores domésticos. Na coluna "Trabalhos femininos", a autora apresentou trabalhos autorais em bordados, especialmente almofadas e toalhas, em formato de tutoriais, de forma técnica e precisa.

Além das colunas de Joanna Brandt, durante as décadas de 1920 e 1930, a revista contava com outras páginas de tutoriais de trabalhos manuais destinados às mulheres, com imagens e textos que comumente associavam as práticas de bordado, de crochê e de tricô a um lazer útil e uma habilidade "natural" para as leitoras, sugerindo que essas atividades fossem realizadas em seus momentos de folga, mas sempre visando um produto final e utilitário, como uma peça de enxoval para a casa ou de vestuário para os membros da família. Cabe destacar, ainda, que há um recorte de classe e raça evidente na comunicação da revista, que sugere uma leitora de classe média-alta e provavelmente branca, considerando o contexto do período.

A vinculação entre mulheres e essas atividades de lazer produtivo, destinadas à produção do lar, remonta aos hábitos relativos aos lares burgueses novecentistas, nos quais as artes decorativas, baseadas no fazer manual, foram muito difundidas. Os artefatos produzidos artesanalmente pelas mulheres serviam comumente como decoração, ocultando indícios do trabalho doméstico. O artesanato era também uma maneira de marcar a distância da dona de casa burguesa dos trabalhos domésticos braçais realizados pelas/os empregadas/os. Os trabalhos manuais eram ainda indicados para ocupar as horas ociosas e acalmar os espíritos das mulheres que permaneciam muito tempo dentro de casa (Carvalho, 2008; Malta, 2011).

Conforme a historiadora do design Cheryl Buckley (2025), com base nas teorias feministas considerando o patriarcado e sua relação com o capitalismo,

> Os estereótipos femininos que resultaram disso definiram determinados tipos de comportamento como adequados para mulheres. Algumas ocupações e papéis sociais são chamados femininos, e cria-se um ideal físico e intelectual ao qual a mulher deve aspirar. Esses estereótipos tiveram um impacto enorme nos espaços físicos que as mulheres habitam — tanto em casa quanto no trabalho —, em suas ocupações e na relação delas com o design (Buckley, 2025, p. 40).

Para a autora, as atividades de design industrial são associadas aos homens e têm mais valor do que as atividades de artes decorativas, vistas como femininas. Mulheres são vistas como naturalmente decorativas e compatíveis com determinadas áreas do design como, por exemplo, têxtil, joalheria, cerâmica e gráfico. Nesse sentido, há uma desvalorização de produtos de design criados por mulheres no espaço doméstico, pois estes possuem valor de uso, por serem utilizados pela família, e não de troca, por não serem vendidos e, assim, não participarem das dinâmicas do mercado capitalista (Buckley, 2025).

De acordo com Lindsay Cresto e Maureen França (2024), o local de produção, a esfera doméstica, interfere na visibilidade do trabalho de design das mulheres, uma vez que a lógica capitalista entende o lar como um espaço de cuidado, reprodução, de trabalho não remunerado e amador. Desse modo, essas questões são relevantes para abordarmos criticamente os conteúdos propostos pela revista, bem como darmos visibilidade às produções de mulheres que nela foram veiculadas entre as décadas de 1920 e 1930.

Apesar dessas limitações, cabe notar que, conforme Simioni (2022), entre o final do século XIX e o início do século XX, mulheres de diferentes cidades e países buscaram nas artes decorativas uma possibilidade de transformação social e de atuação profissional. Algumas artistas escolheram práticas tidas como menores, a exemplo dos trabalhos têxteis, como um meio para criarem o que entendiam como obras de arte modernas.

Na Europa, a Exposição Internacional de Artes Decorativas de Paris, em 1925, marcou a consolidação de um novo estilo identificado com o espírito modernista, que valorizava a simplicidade e o equilíbrio em oposição aos modelos históricos e às imitações da arte antiga presente em objetos, adornos, móveis, ambientes e arquiteturas. No Brasil, essa tendência encontrou espaço no ambiente doméstico, contribuindo para a valorização da arte decorativa nas práticas e preferências relacionadas à casa, especialmente por meio da atuação de artistas reconhecidos (Badan, 2020).

Em relação à Joanna Brandt, pouco se encontra sobre ela em buscas por pesquisas acadêmicas ou até mesmo em buscas pelo Google. Entretanto, o que se observa na própria revista *Vida Doméstica*, bem como no site da Hemeroteca Digital Brasileira[1], nos sugere que ela tenha tido um trabalho relevante no campo da decoração de interiores domésticos, como uma artista premiada e como professora naquele período. Nesse sentido, podemos inferir que há um apagamento de sua trajetória profissional, tanto pelas suas produções de artes decorativas, tidas como femininas e artes menores, quanto pela sua área de atuação.

1 Site oficial: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/

Acerca desse apagamento, Cresto e França (2024) abordam a questão a partir da ideia de histórias "ordenadas" e "conturbadas" do design de Martha Scotford (1994). Conforme as autoras, a história "ordenada" do design comumente privilegia práticas realizadas por homens cis, brancos e vindos da Europa Ocidental e da América do Norte. Enquanto que a história "conturbada" se configura como uma "história caótica e fragmentada das minorias sociais, de designers "sem rosto", sendo moldada, quando possível, a partir de sobras, fiapos, notas de rodapé e de arquivos esquecidos e empoeirados" (p. 79). Desse modo, para as autoras, a história das mulheres no design pode ser interpretada a partir dessa ideia de "história conturbada", que busca construir narrativas a partir de abordagens alternativas, de modo a tensionar e desnaturalizar padrões existentes.

Diante do exposto, buscou-se, a partir do mapeamento proposto, dar luz às produções de mulheres no campo das artes decorativas presentes na revista *Vida Doméstica* apresentando e discutindo o trabalho e a contribuição da professora e artista Madame Joanna Brandt.

Metodologia

Para a realização deste estudo, parte-se de uma Revisão Bibliográfica Assistemática para o desenvolvimento da fundamentação teórica, assim como para o mapeamento de trabalhos acerca de Joanna Brandt, em bases de dados acadêmicas e repositórios digitais, com destaque para o Google Acadêmico e repositórios institucionais de universidades, buscando identificar pesquisas, artigos, dissertações e teses relacionadas ao tema investigado.

Em relação à revista *Vida Doméstica* e às informações a respeito da trajetória da artista, tem-se como base de dados o site da Hemeroteca Digital Brasileira. Foram avaliadas todas as 58 edições entre os anos de 1927 e 1931. Desse total de revistas consultadas, a coluna de Joanna está presente em 43 edições, comumente distribuída em duas páginas.

Para a organização e o tratamento dos dados mapeados, adotam-se protocolos de registro de imagens e textos, adaptados de Pereira (2023) e Zacar (2018), e em seguida, um quadro de temas para a sistematização e análise dos dados textuais.

Resultados e discussões

Em um primeiro momento, ao encontrar o nome de Joanna Brandt assinando as colunas da revista *Vida Doméstica* e buscar pelo seu nome em sites de busca na internet, não foram obtidos resultados. Pensou-se que pudesse se tratar de um pseudônimo, algo comum naquele período. Por curiosidade, buscou-se o nome de Joanna no site *FamilySearch*[2] e foi encontrada a certidão de óbito de seu filho, Christiano Brandt, falecido em 1939. No documento, constam os nomes de Joanna e do marido, Alberto Brandt, assim como o endereço "Rua Marquez de Abrantes, 109", localizado na cidade do Rio de Janeiro e correspondente ao mesmo endereço disponibilizado nos anúncios acerca do trabalho da artista na revista *Vida Doméstica*. O documento foi a prova de que Joanna Brandt de fato existiu e abriu margem para novas buscas.

Ao buscar por trabalhos acadêmicos acerca de Joanna Brandt, a artista aparece em poucas publicações, na maioria delas seu nome é apenas mencionado. Ao alterar as palavras-chave e

2 O FamilySearch é um site de genealogia que oferece acesso gratuito a registros históricos e documentos genealógicos, permitindo a pesquisa de ascendência e construção de árvores familiares.

buscar por “Joana Brandt” com apenas um “n”, foi possível encontrar um artigo[3] da professora Dra. Marize Malta que sugere a relevância do trabalho de Joanna no Rio de Janeiro, no início do século XX. Apesar da diferença na forma de escrever seu nome, o artigo trata da mesma pessoa.

Conforme Malta (2021), Joanna, natural de Copenhague, conquistou medalha de prata na seção de Artes Aplicadas, da Exposição Nacional de Bellas Artes, em 1907, com um conjunto de móveis em estilo Art Noveau idealizados por ela. Uma imagem do arranjo de mobiliário feito por ela foi veiculada no mesmo ano na revista Renascença, conforme Figura 1. De acordo com Malta (2021), o trabalho da artista apresentava “linhas atualizadas, até com algumas ousadias formais, ultrapassando o lugar-comum do feminino e igualando-se aos artistas da ENBA[4] que realizaram projetos no campo das artes decorativas” (p. 39).

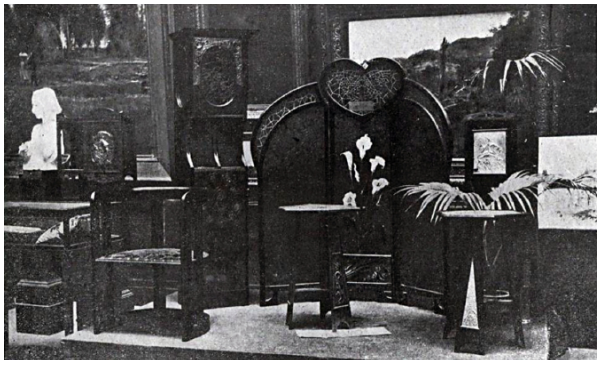


Figura 1: Arranjo de mobiliário, idealizado por Joanna Brandt, exposto na seção de Artes Aplicadas, da Exposição Nacional de Bellas Artes, de 1907.
Fonte: Revista Renascença, 1907, n. 45, p. 218. Hemeroteca Digital Brasileira.

Outros prêmios e informações acerca do seu trabalho também eram divulgados em uma publicidade da revista *Vida Doméstica*, que acompanhava suas colunas. Conforme o anúncio, na Figura 2, Joanna estudou em Paris e Copenhague, foi premiada na “Exposição Nacional de 1908” e na “Exposição Geral de Bellas Artes de 1916” e foi membro do júri da “Exposição Nacional de 1922”. O anúncio também detalha os tipos de trabalhos aceitos pela artista, como trabalhos “modernos” e decorativos utilizando couro e metal, bordados finos e enxoval completo para noivas. Além disso, encarregava-se de mobiliar e decorar casas, na cidade e no campo, fornecendo todos os móveis e ornamentações, com a possibilidade de envio para todo o Brasil.


Madame J. Brandt

PETROPOLIS • RIO DE JANEIRO

(Grand Prix na Exposição Nacional de 1908, Grande Medalha de Prata na XXIII Exposição Geral de Bellas Artes de 1916, Hors Concours, membro do Jury da Exposição Nacional de 1922).—Estudos em Paris e Copenhague.

ACCEITA encommendas de todos os trabalhos modernos e decorativos em couro, metal, batik, bordados finos de toda a qualidade, etc., para enfeite de casa, para presentes de festas commemorativas, casamentos, etc.

GUARNIÇÕES COMPLETAS PARA QUARTO DE NOIVA

Almofadas	Lustres	Toalhas para chá	Pastas
Abat-jours	Stores	Pannos para mesa	Paramentos
Lampadas	Cortinas	Colchas	Jardineiras
			Cachepots

ENVIA PARA QUALQUER PARTE DO BRASIL

Encarrega-se de mobiliar e decorar casas, tanto de cidade como de campo, fornecendo todos os moveis e ornamentações, bem como peças avulsas.

ARTE, GOSTO E ORIGINALIDADE

PREÇOS RASOAVEIS — ORÇAMENTOS A PEDIDO

Telephone de residencia: PETROPOLIS 670

ENDEREÇO:

Caixa Postal N. 2 - PETROPOLIS — Est. do Rio

CHAMADOS NO RIO:

Rua Marquez de Abrantes, 109 — Tel. B. M. 1170

Figura 2: Anúncio publicitário de Joanna Brandt.
Fonte: Revista Vida Doméstica, 1928, n. 122, p. 123. Hemeroteca Digital Brasileira.

3 “Quando decorar só se conjuga no feminino: a construção do lugar do decorativo na arte, efeitos e preconceitos”.

4 Escola Nacional de Belas Artes – Rio de Janeiro-RJ.

Em uma segunda busca, agora no site da Hemeroteca Digital Brasileira, o nome de Joanna aparece em diversas revistas e jornais do Rio de Janeiro, publicados no início do século XX, como o *Jornal do Commercio*[5] e *O Paiz*[6], e as revistas *Fon Fon*[7], *Unica*[8], *Renascença*[9] e *Selecta*[10].

Nessa busca identificou-se mês e ano de sua morte, a partir de uma nota no Jornal do Commercio[11], em dezembro de 1939. Mais tarde, por meio de uma solicitação da sua certidão de óbito junto ao 1º Ofício de Registro Civil e Interdições e Tutelas de Petrópolis-RJ, identificou-se o dia exato de sua morte, 8 de dezembro e também seu provável ano de nascimento, 1873, uma vez que faleceu aos 66 anos em decorrência de um problema cardíaco, cinco meses após a morte de seu filho, Christiano Brandt, falecido vítima de um acidente.

Além de Christiano, a certidão de óbito de Joanna informou a existência de mais dois filhos. O documento também permitiu a identificação do seu sobrenome de solteira "Lehmann". Um outro documento, fornecido pelo Arquivo Histórico de Petrópolis, apresenta uma nota sobre a morte de Joanna, dizendo que ela havia deixado esposo, filhos e netos. Essa descoberta de suas datas de nascimento e morte se faz importante para a pesquisa, pois permite localizar, historicamente, a trajetória profissional e pessoal da artista.

Na revista *Selecta*, Joanna chegou a ter uma coluna de nome similar às da revista *Vida Doméstica*, entre 1916 e 1921, denominada "Arte Decorativa: Trabalhos Femininos". Após um mapeamento no site da Hemeroteca, a coluna foi encontrada em pelo menos 86 edições. Inicialmente, aparecia de forma semanal, posteriormente, quinzenal, e mais ao final, com espaçamentos maiores entre uma aparição e outra.

Na estreia da coluna de Joanna na revista *Selecta*, na edição 43, em outubro de 1916, há um texto sobre Joanna feito pela autora e cronista Júlia Lopes de Almeida (1862–1934). No início do texto, Júlia escreve que não se trata de uma apresentação de Joanna, pois "Não há no Rio de Janeiro quem ignore o nome e desconheça o grande merecimento desta senhora..." (p. 19). Em outro trecho, a autora aborda algumas atividades desempenhadas por Joanna:

> Joanna Brandt não é uma simples <professora de bordados>, como vulgarmente se diz. E' alguma cousa mais.
> No seu atelier tanto se ocupa em desenhar e fazer executar sob as suas vistas exigentes, mobilias de estylo, segundo o paiz ou a época escolhida ; como cria ella mesmo, da sua imaginação fecunda e curiosissima, motivos originaes para as suas rendas, as suas pastas, as suas almofadas, as suas loiças, os seus biombos, os seus reposteiros ou tapetes, as suas lampadas ou estantes. Espirito de eleição, detesta a copia. Tudo que é feito por ella tem um cunho de personalidade inconfundivel, revelador. Para um simples bordado a branco de qualquer guardanapo de cobrir pão, ella se sentiria como que humilhada se tivesse de recorrer a riscos de jornais e decalcar linhas executadas por mão alheia (Almeida, 1916, p. 19).

5 *Jornal do Commercio*, ano 1914\Edição 00169. Hemeroteca Digital Brasileira.

6 *O Paiz,* ano 1908\Edição 08797. Hemeroteca Digital Brasileira.

7 *Fon Fon*, ano 1916\Edição 00045. Hemeroteca Digital Brasileira.

8 *Unica: revista feminina*, ano 1925\Edição 0003. Hemeroteca Digital Brasileira.

9 *Renascença*, ano 1907\Edição 0045. Hemeroteca Digital Brasileira.

10 *Selecta*, ano 1916\Edição 00043. Hemeroteca Digital Brasileira.

11 *Jornal do Commercio,* ano 1939\Edição 00064. Hemeroteca Digital Brasileira.

No início do trecho, Júlia menciona que Joanna não era uma simples professora de bordados. Essa afirmação indica que essa profissão era comumente percebida naquele contexto como uma atividade de menor valor, reforçada pelo adjetivo "vulgarmente".

O texto nos sugere que a justificativa para tal afirmação está ligada ao fato de Joanna Brandt desempenhar um trabalho de criação autoral de suas obras e de as peças de mobiliário criadas por ela, apesar de serem executadas por outras pessoas em seu ateliê, serem feitas sob sua exigente supervisão. A frase final do trecho, sobre Joanna se sentir "como que humilhada" se copiasse um modelo de outra pessoa, reforça o caráter autoral de seu trabalho. Nos modelos apresentados por ela em sua coluna sempre era indicada sua autoria com "Desenho original de Mme. Brandt". Nesse sentido, é possível notar que há uma valorização do trabalho de criação autoral em detrimento da cópia que legitimava o trabalho de Joanna, enquanto uma autoridade no assunto.

Apesar da semelhança dos nomes das colunas da *Selecta* e da *Vida doméstica*, nessa coluna o foco estava nas dicas e instruções sobre as artes tidas como femininas, naquele contexto, como os bordados em toalhas, almofadas e roupas, no mesmo formato de tutorial. O tema da arte decorativa aparecia com menos frequência, por meio de alguns tipos de mobiliário, como estante e cadeira e com dicas de customização de objetos decorativos, por exemplo, cúpulas de abajur.

O marido de Joanna, Alberto L. Brandt[12], foi um arquiteto que também aparece em buscas na Hemeroteca Digital Brasileira, em jornais e em matérias da revista *Selecta*, porém em número muito menor do que sua esposa. Em uma matéria da *Selecta* de 1917 (n. 30, p. 22), Joanna escreveu para a coluna "Como construir uma casa?", explicando um projeto idealizado pelo marido, algo incomum para o período: uma mulher escrever sobre arquitetura. Também não há nenhuma menção ao marido arquiteto em publicações a respeito da artista. Joanna aparece sempre protagonizando seus feitos e suas conquistas.

Ao falar da trajetória e do trabalho em arte têxtil de Regina Gomide Graz, entre as décadas de 1920 e 1940, Ana Paula Simioni (2007) comenta que nesse período as mulheres artistas comumente eram associadas aos seus maridos e familiares, apresentadas como "esposa" ou "irmã", no caso de Regina, respectivamente, de John Graz e Antonio Gomide. Além disso, conforme a autora, trabalhos como os de mobiliário também eram associados aos homens, ficando às mulheres encarregadas de trabalhos têxteis como tapeçaria, cortinas e almofadas.

No contexto da História do Design, Cresto e França (2024) abordam a questão de que entre os estereótipos de gênero estão os materiais utilizados nas produções de design de homens e mulheres. Materiais como couro e metal foram comumente associados às produções tidas como masculinas. Ao observar o anúncio publicitário referente aos trabalhos de Joanna Brandt, na Figura 2, é possível notar que, além dos bordados e materiais interpretados como delicados, ela também trabalhou com materiais como couro e metal.

Na edição de agosto de 1929, n. 137, p. 131, a revista *Vida Doméstica* divulgou uma fotografia de Joanna junto do anúncio da publicação de seu livro *O bordado na ornamentação do lar*, conforme Figura 3. De acordo com o texto da publicação, a artista é apresentada como uma autoridade no

12 Informação obtida a partir de uma declaração de óbito do filho, Christiano Brandt, de 1939. Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSGY-19F5-F?view=index. Acesso em: 27 ago. 2025.

campo da arte decorativa. Até o momento da publicação deste artigo, nenhum exemplar do livro foi localizado. Nas tentativas de encontrá-lo, foram feitos contatos com instituições de Petrópolis, como a Biblioteca do Museu Imperial e o Arquivo Histórico de Petrópolis.



AGOSTO — 1929

VIDA DOMESTICA
Revista do Lar e da Mulher

TRABALHOS FEMININOS

UM BELLO LIVRO DE BORDADOS

MADAME J. Brandt, a nossa distincta collaboradora artistica, a cuja competencia entregamos a secção de bordados, creações suas e arte decorativa, das bellas paginas de *Vida Domestica*, trouxe da Dinamarca, sua terra natal, as excellentes noções de arte, que a tornaram uma autoridade nessa difficil obra do engenho humano.

Agora, acaba Mme. Brandt de dar á publicidade um livro valioso, intitulado: *O bordado na ornamentação do lar*, que mereceu da imprensa a mais encomiastica e justa apreciação.

Nesta pagina, que adornamos com o retrato da nossa distincta collaboradora, inserimos tres dos excellentes trabalhos, do seu magnifico livro, onde ha formosissimas amostras, com a competente descripção.

MME. J. BRANDT

Abafador "Eva" — São motivos de rendas antigas que formam a base dos desenhos deste abafador.

O bonito modelo apresenta-se não só entre um fundo rendado de barretes, mas é tambem ornado com pontos de renda por dentro, nos folhagens e flôres, um detalhe que torna o trabalho rico e vistoso. (Do livro "O bordado na ornamentação do lar").

Abanador "Helga" — Fórma e desenho ambos muito elegantes e modernos. Se fôr escolhido linho gris para o fundo, de typo grosso, o bordado poderá ser executado tanto em lã, seda e fio metallico como em linha torçal — ou lisa, grossa, sendo as flôres sempre em lilaz e mauve, de varias nuances, as folhagens em verde resedá e

Figura 3: Fotografia de Joanna Brandt e propaganda de seu livro O bordado na ornamentação do lar, em 1929. Fonte: revista Vida Doméstica, edição 137, p. 131. Hemeroteca Digital Brasileira.

As colunas "Arte decorativa: como mobiliar e decorar a casa" e "Trabalhos femininos", publicadas entre 1927 e 1931, eram apresentadas comumente juntas, quase ao final das edições, conforme Figura 4. Durante os anos de publicação, as colunas aparecem em 43 edições, o que configura a maior parte das revistas publicadas no período. De modo geral, cada coluna ocupa uma página, em raros casos a coluna "Trabalhos femininos" aparece ocupando duas páginas.



VIDA DOMESTICA
Revista do Lar e da Mulher

MAIO - 1928

ARTE DECORATIVA

COMO DECORAR E MOBILAR A CASA

Resposta a Mlle. Rosetta (Rio de Janeiro) — E' sempre mais correcto e mais bonito que a toalha de chá cubra completamente a mesa. Quando se trata de fazer uma toalha nova, deve-se sempre cortar com 20 a 25 cm. para cahir em volta, seja redonda ou seja quadrada.

Egualmente é correcto que os guardanapos obedeçam ao genero da toalha, embora com toda a simplicidade.

Se a toalha estiver ornamentada com rendas ou incrustações junto com bastante bordado — é sufficiente que os guardanapos tenham com certo só — qualquer motivo ou rendado ou bordado — e que emfim este esteja de accordo com o desenho da toalha.

A's ordens.

Resposta a Nicota (São Paulo) — Para a sua sala de visitas estylo Luiz XVI (cor-beille) creio que a Sra. deve escolher um lustre de prismas de crystal, de forma classica que se parega com um vaso grego, sendo que a fórma é feita por fios com prismas pendidos. Um lustre de crystal de Veneza, côr lilás e de fumaça tambem vae bem. Não ha necessidade de tanto gelge no estylo, que a sala parega um palco ou um museu — o instincto de combinação e a attenção tambem precisam ter exercicio. Como a sala, segundo as medidas enviadas, é de bastante altura, creio que a Sra. para illuminação média devia arranjar alguns apalques com abat-jours lilaz, velados de chiffon cinzento.

Os assentos tanto no sofá grande como nos pequenos sofás podem ser soltos, de velludo lilaz.

A lampada alta (de columna) póde ter o pé forrado e um abat-jour lilaz, forrado com rosa palido e velado de chiffon cinzento. Parece-me inconveniente velar a luz com um arranjo de seda franzida por dentro do abat-jour. A luz jorra muito dura sem esta precaução.

Usam-se sempre guarnições de bordado branco ou rendas, ou combinações destes dois generos, para sala de jantar. Se a mesa está ainda bem conservada, é sufficiente pôr um grande centro, redondo, quadrado ou rectangular nella. Se a Sra. usa panno de mesa, não ha necessidade de genero, de mesa, e embora a Sra. use panno de mesa póde pôr panninhos brancos, bordados ou rendados, nos outros moveis — bufet, trinchante, etc.

No numero de *Vida Domestica* de hoje, ha um modelo muito bonito dum centro de mesa e num genero, que julgo fica fóra da moda.

Sempre ás ordens — *J. B.*

Sala de jantar, de madeira brasileira branco marfim com embutidos dourado e assento de seda adamascada côr de areia com desenhos de fios de ouro velho. Lustre veneziano, vapor preto com obres polidas.

Costa de um living-room.

Mesa de toilette e arranjo de cortinas.

ARRANJO PRATICO PARA QUARTO DE TOILETTE

Nas construcções modernas nota-se muito, janellas largas — ás vezes com certa salomão e formando linhas interessantes. Se bem que o arranjo das cortinas, que se vê na gravura possa ser aproveitado em suas linhas geraes para outros aposentos, apenas trocando as fazendas pelas adequadas á occasião; creio que será ideal para quarto de toilette essa linda combinação. Se, por exemplo, as paredes no quarto forem rosa claro, de côr muito secca, e o revestimento até o peitoril da janella de madeira pintada — branco marfim — seria lindo pôr cortinas de shantung côr de orchidéa, lilaz-mauve e guarnecer estas cortinas com tiras franzidas de taffetá na mesma côr.

Ha ainda cortinas curtas, que tambem devem ser lilaz — na mesma das cortinas de shantung.

Para esse fim a fazenda *madras* branco ou creme é excellente, pois presta-se muito para tingir.

Finalmente as cortinas creme que fazem as vezes de store — simples e como os de *madras* — só até o peitoril da janella.

A mesa é de arranjo alcançavel por todos — pois consiste numa mesa simples de pinho — por conveniencia com uma prateleira que será escondida pelo babado largo. O tampo da mesa é coberto com shantung egual ás cortinas e leva por cima uma chapa de vidro ou crystal bisauté.

Franzido e armado na beira do tampo póe-se um babado de setinetta, — exactamente na côr das cortinas — que por sua vez é velado por um babado de filó creme. E' claro, que a seda das cortinas poderá ser substituida por voile e que as cortinas curtas tambem poderão ser feitas de voile com um bordado ligeiro espalhado — a questão é o

Responde-se nesta secção ás perguntas feitas pelas leitoras da "Vida Domestica". As perguntas devem ser formuladas com clareza e acompanhadas d'um pseudonymo para ser utilisado na publicação e de nome e endereço da redacção. Toda a correspondencia desta secção deve ser dirigida exclusivamente a Mme. J. Brandt, Caixa Postal n. 5, Petropolis, Estado do Rio.

MAIO - 1928

VIDA DOMESTICA
Revista do Lar e da Mulher

TRABALHOS FEMININOS

Encommendas dos trabalhos publicados, assim como qualquer correspondencia concernente a esta secção devem ser dirigidas exclusivamente a Mme. J. Brandt, Caixa Postal, 5 Petropolis, (Estado do Rio). — N. B. — As encommendas devem ser acompanhadas de importancia em vale postal.

PANNO DE MESA "THALITA"

Na gravura que reproduz este trabalho vê-se apenas a parte que deve ficar por cima da mesa, — tres cm. de quadrado — os lados, que cada um tem 20 cm., levam como ornamentação apenas uma cercadura estrella, egual áquella que faz a moldura do bordado.

O panno que ao todo tem 150 cm. em quadrado é feito de linho bruge, um tanto grosso, de fio irregular e muito artistico. As côres dominantes do bordado são nuances de ouro velho, côr de ferro, além do preto e branco.

As linhas com as quaes se bordam são lustrosas e de effeito decorativo. Aqui e acolá fio de bronze para realçar.

Os pontos são de haste e cheios, e o bordado todo que ha de facil.

O panno desenhado e com todos os preparos custa 08$000, sendo neste preço incluido tambem porte e registro. O trabalho vae começado, indicando direcção de pontos, etc.

PANNO DE MESA "THALITA" — (Desenho original de Mme. J. Brandt.)

ALMOFADA GEORGIA

Uma combinação muito moderna e muito elegante — bordado em lã e seda sobre linho — representa essa almofada. Para as duas grandes flôres no centro vae seda lilaz claro com um ponto de lã lilaz escura applicado em volta de cada petala, que por sua vez leva mais um contorno de fio grosso de bronze. Todas as outras flôres são feitas na mesma combinação de lã e seda dentro da escala das nuances lilazes, além do contorno de bronze. As folhas são de lã verde, com contorno de bronze e as duas grandes fuzeras oraes feitas com lã verde claro e seda côr de ouro velho e egualmente com contorno de bronze. As hastes curvadas todos com seda côr de bronze e contorno de bronze.

A cercadura circular escura com lã verde escura.

O fundo da almofada é de linho cinzento, côr média, muito artistico, feito exclusivamente para trabalho neste genero.

Para dar valencia ao trabalho é necessario fazer uma armação com altura, portanto unum-se as duas partes da almofada, o bordado e o fundo de setinetta, sobre uma almofada da mesma fórma triangular, feita com uma tira recta de 5 cm. de altura, que por sua vez será coberta por uma tira franzida da côr do forro.

Preço da almofada (cada lado 56 cm.), desenhado em linho cinzento, conforme explicado — e com todos preparos de lã, seda e bronze, com setinetta para o fundo e uma tira de 350 cm. sobre 7 cm., 24$000, sendo neste preço incluido porte e registro. O trabalho vae começado, indicando direcção de pontos, etc.

ALMOFADA GEORGIA — (Desenho original de Mme. J. Brandt)

CENTRO DE MESA "ELIN"

Os trabalhos brancos gosam sempre de muita popularidade, e com toda razão, nunca ficam fóra da moda, são duraveis e faceis de conservar — e o que não é menos importante — são são difficeis de executar.

Uma linda assentos de bordado branco tenho-a no centro de mesa aqui reproduzido.

Um desenho de bastante simplicidade, de linhas elegantes e decorativas.

O bordado é, conforme facilmente se nota na gravura, Richelieu, ornamentado com bordado chein para mais realçar.

O centro de mesa tem 100 cm. de comprimento sobre 65 cm. de largura e custa, desenhado em linho branco de qualidade superior, 28$000, sendo no preço incluido as linhas para executar o bordado, porte e registro.

O mesmo centro de 67 cm. sobre 30 cm. custa 20$ (inclusive linho, porte e registro e desenho da mesma qualidade de linho como o de tamanho maior).

CENTRO DE MESA "ELIN"

Figura 4: Exemplo da composição das colunas nas páginas da revista. Fonte: Revista Vida Doméstica, edição 122, pp. 124–125, 1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

A primeira publicação das colunas ocorreu na revista de número 111, em 1927. Na parte inferior da página da coluna "Arte decorativa", a revista disponibilizou o endereço de Joanna para que as leitoras escrevessem cartas com suas dúvidas referentes aos arranjos de interiores domésticos, por meio do seguinte aviso:

> RESPONDE-SE nessa secção às perguntas, feitas pelas gentis leitoras da Vida Domestica. As perguntas devem ser formuladas com clareza e acompanhadas dum pseudonymo para ser utilisado na publicação e do nome e endereço da pessoa para informe da redacção. Toda a correspondencia dessa secção deve ser dirigida para a Madame J. Brandt, Caixa Postal nº 2, Petropolis, Estado do Rio.

A partir da edição n. 117, a artista passa a responder às dúvidas de leitoras de todo o Brasil. As respostas se iniciavam sempre com o nome da leitora, por vezes apenas as iniciais do nome, e sua cidade, ou com pseudônimos escolhidos pelas leitoras, por exemplo, “Sinhazinha”; “Carioca”; “Noiva” e “Miss Lalá”. Nas primeiras edições, Joanna respondia uma carta por edição, de forma detalhada, mas em pouco tempo esse número aumentou, e as respostas ficaram mais objetivas e curtas, para dar conta de um número maior de leitoras.

As respostas contavam com informações precisas, como sugestões de cores e possíveis combinações para paredes, cortinas e mobiliário; sugestões de materiais, como tipos de tecido, de madeira, de tinta e de cola; sugestões de estilos dos móveis e da decoração; medidas para frisos no teto, rodapé e outros acabamentos; sugestões de reforma, considerando desde o assoalho até o teto, entre outros detalhes. Joanna demonstrava um amplo domínio técnico dos materiais e suas formas de aplicação, oferecendo às leitoras soluções que consideravam as necessidades apresentadas por elas nas cartas.

Além das respostas às cartas, em algumas publicações aparecem outras dicas e informações referentes à composição do espaço doméstico, como modelos de arranjos de interiores em *living room,* em salões, em varanda, em *hall*, entre outros, assim como tendências vindas de outros países. As publicações eram sempre acompanhadas de imagens de mobiliários ou de ambientes, que ilustravam as explicações e sugestões da autora, conforme Figura 5.



HALL

A gravura junta demonstra como moveis e objectos de estylo differente no mesmo interior se casam bem, obedecendo ao gosto fino dum decorador, que sabe tirar partido das cousas. O espelho incrustado na parede é de muito effeito.

Figura 5: Exemplo de sugestão de um arranjo de interiores domésticos apresentado na coluna “Arte decorativa”. Fonte: Revista Vida Doméstica, edição 121, p. 117, 1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

Na coluna “Trabalhos femininos”, a artista apresentava comumente dois ou três trabalhos realizados por ela. Nas imagens, as legendas sempre acompanhavam a informação “Desenho original de Mme. Brandt”. Os trabalhos consistiam em bordados feitos com diversos tipos de pontos ou do tipo *Richelieu*, em toalha de mesa, toalha de chá, centro de mesa, pano de mesa, almofada, entre outros. As peças eram acompanhadas de uma imagem e um texto explicativo e sempre apresentavam um nome feminino como almofada “Maria Elisa”, almofada “Bety”, toalha para chá “Cora”, centro de mesa “Maria Victoria”, conforme pode ser observado na Figura 6. O mesmo padrão de apresentação das peças é notado na coluna da revista *Selecta*, também assinada por Joanna.



Figura 6: Exemplo em detalhe das peças apresentadas na coluna “Trabalhos femininos”. Fonte: Revista Vida Doméstica, edição 129, p. 201, 1928. Hemeroteca Digital Brasileira.

Todos os desenhos se referiam a elementos da natureza, especialmente flores e folhas. Em raros modelos, se vê também a presença de uma uva, um beija-flor e uma borboleta. Alguns desenhos apresentavam estilo próximo ao *Art Nouveau,* e era comum a presença de elementos com formas geométricas nas composições, ao fundo ou nas próprias flores. Esses padrões se seguiram durante todo o tempo de circulação da coluna. Essa característica dos nomes de mulheres chama a atenção e reforça a ideia de trabalhos femininos proposta para a coluna, se configurando como uma prática entendida como feminina naquele contexto.

Conclusões

Diante do exposto, é possível notar que Joanna Brandt teve uma atuação significativa e variada nas artes decorativas no Rio de Janeiro e em Petrópolis, como professora, artista, projetista e colunista de revistas, como a revista *Vida Doméstica* entre os anos de 1927 e 1931, e no período anterior a este, por meio de suas premiações e sua contribuição na revista *Selecta* entre 1916 e 1920. Entretanto, seu nome não consta em livros de história ou sites especializados sobre arte, design ou artes decorativas, apenas em um artigo acadêmico. Há um apagamento de sua trajetória, assim como acontece com muitas outras mulheres que atuaram nesse período, dentro dessas áreas.

Cabe notar que a sua atuação nas artes decorativas se difere da de outras mulheres do início do século XX. Naquele período, era comum que mulheres artistas fossem associadas aos homens

de sua família como maridos, pais e irmãos. Apesar de ter um marido arquiteto, Joanna aparece sempre protagonizando suas premiações e seus feitos, em jornais e revistas. Também sua prática profissional e seu saber técnico, demonstrado em suas respostas às cartas de leitoras, em relação aos arranjos de interiores domésticos e mobiliários, chamam a atenção, uma vez que parte dessa prática era comumente associada aos homens, como a idealização de móveis, os projetos de interiores e o trato com materiais como couro e metal.

Compreende-se, ainda, que a visibilidade de Joanna Brandt naquele contexto, para além de sua competência e de suas múltiplas habilidades artísticas, também se deve ao fato de ela ser uma mulher branca e estrangeira, vinda da Dinamarca e com estudos na Europa, algo que conferia maior *status* às mulheres artistas no período.

Nesse sentido, este artigo consiste em um fragmento de um estudo ainda em fase inicial, que pretende documentar os feitos de Joanna Brandt e se aprofundar em sua trajetória bem como nas colunas "Arte decorativa" e "Trabalhos femininos", veiculadas na revista *Vida Doméstica* e na revista *Selecta*.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Arte Decorativa Trabalhos Femininos. **Selecta**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 19, out. 1916. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=337242&Pesq=%22Joanna%20Brandt%22&id=558303077661&pagfis=3406. Acesso em: 20 jul. 2025.

BADAN, Rosane Costa. Arranjos domésticos brasileiros testemunhados por periódicos da década de 1920. **Revista Jatobá**, Goiânia, v. 2, 2020. DOI: 10.54686/revjat.v2i.64003. Disponível em: https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/64003. Acesso em: 28 jul. 2025.

BUCKLEY, Cheryl. **Design no patriarcado**. São Paulo: Clube do livro do Design: Bikini Books, 2025.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material: São Paulo, 1870–1920. São Paulo: EdUSP, 2008.

CRESTO, Lindsay Jemima; FRANÇA, Maureen Schaefer. "Aqui não bordamos almofadas": estereótipos de gênero na trajetória de mulheres na História do Design. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, 2024.

MALTA, Marize. **O olhar decorativo**: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro. Edição digital. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2011.

MALTA, Marize. Quando decorar só se conjuga no feminino: a construção do lugar do decorativo na arte, efeitos e preconceitos. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. Atas do XV **Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2021.

PEREIRA, Juliana Regina. **Tecnologias do morar:** domesticidades e desigualdades de raça, gênero e classe na revista de arquitetura A Casa (1923–1952). 2023. 303 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

REVISTA SELECTA. Edições dos anos 1916 a 1921. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em 20 jul. 2025.

REVISTA VIDA DOMÉSTICA. Edições dos anos 1927 a 1931. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em 20 jul. 2025.

SCOTFORD, Martha. Messy versus Neat History: toward an expanded view of women in graphic design. **Visible Language**, v. 28, n. 4, p. 367–387, 1994.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 45, p. 87–106, 2007.

SIMIONI, Ana Paula. Mulheres modernistas. **Estratégias de consagração na arte brasileira.** São Paulo: Edusp, 2022.

SPINDULA, Alice Lopes. **Educação e representações de mulheres por meio de Vida Doméstica:** a revista do lar e da mulher, que de mão em mão, percorre o Brasil de ponta a ponta (1930 a 1945). 2021. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021.

ZACAR, Cláudia Regina Hasegawa. **O design de interiores como prótese de gênero:** um estudo sobre a Casa Cor Paraná (1994–2017). 2018. 268 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

Sobre as autoras

Carina Seron da Fonseca é doutoranda e Mestra em Design pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de Teoria e História do Design. Graduada em Design de Interiores pela Unicesumar (2010–2012). Graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (2015–2018). Graduada em Tecnologia em Design de Moda (2023–2024) e graduanda em Tecnologia em Design Gráfico (2025–2026) pela EAD Unicesumar. Pós-graduada em Arte na Contemporaneidade pela Unicesumar (2013–2015) e pós-graduada em Docência no Ensino Superior: Tecnologias Educacionais e Inovação pela EAD Unicesumar (2018–2021). Atua como docente em cursos de design desde 2014. Possui interesse em História de mulheres no Design, Cultura Material, Gênero e Domesticidades.

E-mail: carinaseron@ufpr.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9266807387591650
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2863-107X

Cláudia Regina Hasegawa Zacar possui graduação (2006) e mestrado (2009) em Design pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutorado (2018) em Tecnologia & Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Atualmente é professora do Departamento de Design da UFPR, atuando no programa de pós-graduação em Design e no curso de graduação em Design de Produto. É vinculada aos grupos Design e Cultura (UTFPR) e Teoria, história e crítica do design e atividades projetuais (UFPR). Seus atuais interesses de pesquisa estão focados na Teoria e na História do Design, especialmente considerando suas articulações com as epistemologias feministas.

E-mail: claudiazacar@ufpr.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6755771950134149
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1756-2347